



APRENDO-ENSINO-APRENDO: UMA CARTA E SUA LEITURA PERFORMÁTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM OS POVOS POTIGUARAS

LEARN-TEACH-LEARN: A LETTER AND ITS PERFORMATIC READING ABOUT EXPERIENCE WITH THE POTIGUARAS INDIGENOUS

Thais Samara de C. Bezerra¹

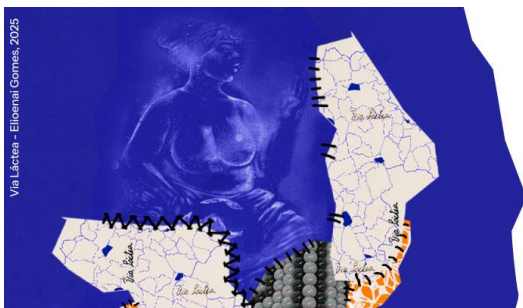
UFRPE

Resumo: Este trabalho traz algumas reflexões entre arte, cultura e educação, especificamente na dimensão da pesquisa acadêmica. O trabalho mostra o percurso de um processo criativo (artístico e científico) que parte de memórias resultantes de uma vivência em território do povo originário Potiguaras do estado da Paraíba. Essas memórias ganharam a forma de carta, que por sua vez ganhou uma leitura performática para uma plateia acadêmica. Os objetivos deste trabalho são: refletir como esse processo da experiência é fundamental para garantir a autenticidade de qualquer processo criativo, seja artístico e/ou científico; mostrar como a linguagem artística pode ser ferramenta metodológica ao manejar poeticamente memórias e construir narrativas que dão sentido ao ato de conhecer do sujeito pesquisador em artes ou mesmo em outras áreas, já que o conhecimento não é particionado como tradicionalmente a ciência vem fazendo. Esse percurso reforça o quanto é importante partir sempre de si mesmo para conhecer outros mundos, e que isso exige revisar alguns pensamentos e métodos científicos estabelecidos. Também reafirma como a experiência própria de conhecer algo pode tornar o conhecimento em produção muito mais amplo, com a consciência de que o mesmo não se apresenta de forma tão fragmentada como inicialmente lidamos. Por fim, há de considerar que a experiência de pesquisa em arte é uma das mais ricas para manejar memórias e narrativas em direção a uma pesquisa acadêmica, por sua visão holística, prática, sensível a cada movimento, som e imagem que atravessa o processo de educação e cultura acadêmica.

Palavras-chave: artes; ensino-aprendizagem; memória; potiguaras; narrativas.

Abstract: This work brings some reflections between art, culture and education, specifically in the dimension of academic research. The work shows the course of a creative process (artistic and scientific) that starts from memories resulting from an experience in the territory of the original Potiguaras people in the state of Paraíba. These memories took the form of a letter, which in turn gained a performative reading for an academic audience. The objectives of this work are: to reflect on how this process of experience is fundamental to guarantee the authenticity of any creative process, whether artistic and/or scientific; show how artistic language can be a methodological tool when poetically handling memories and constructing narratives that give meaning to the act of knowledge of the research subject in the arts or even in other areas, since knowledge is not partitioned as science has traditionally done. This journey reinforces how important it is to always start from oneself to discover other worlds, and

¹ Graduanda de Licenciatura em Artes Visuais-UFRPE. Bacharel em Arte e Mídia-UFCEG. Licenciada em Geografia-UEPB. Mestra em Desenvolvimento Regional-UEPB. Artista visual. Currículo Lattes: <https://s11nk.com/6Ce4f>.



that this requires reviewing some established scientific thoughts and methods. It also reaffirms how the experience of knowing something can make the knowledge in production much broader, with the awareness that it is not presented in such a fragmented way as we initially deal with. Finally, it must be considered that the art research experience is one of the richest for managing memories and narratives towards academic research, due to its holistic, practical vision, sensitive to each movement, sound and image that goes through the process of education and academic culture.

Keywords: arts; teaching-learning; memory; potiguaras; narratives.

1 INTRODUÇÃO

Toda época possui suas glórias e seus desafios, e a nossa não poderia ser diferente. É difícil fazer comparações, mas nunca ouvimos e discutimos tanto o quanto o nosso mundo contemporâneo tem provocado uma proliferação de desafios das mais diversas ordens de forma tão acelerada. E a educação é um dos campos do conhecimento mais sensíveis a esses desafios, devido sua capacidade de percepção e atuação, entendendo aqui a educação enquanto processo de ensino-aprendizagem que ocorre em todos os espaços em que as pessoas realizam suas existências, e não apenas no espaço escolar. Assim, ocorrem processos pedagógicos desde a pré-história, aprender e ensinar (e vice-versa) a conhecer o mundo para melhor viver nele é mais ancestral do que se pensa.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre alguns processos de ensino-aprendizagem ou de construção do conhecimento a partir de algumas vivências com os povos Potiguaras do estado da Paraíba. Essas vivências ganharam a forma de carta, essa carta se transformou em leitura performática, e que agora é objeto de estudo para essas reflexões iniciais aqui. Essas vivências informais têm provocado em mim uma gama de reflexões: na dimensão pessoal da minha vida; na dimensão profissional enquanto artista visual; e mais recente, pensando em meu atual processo de formação em licenciatura em artes visuais.

Parto de uma metodologia de caráter etnográfico, baseado na observação participante nas vivências em território potiguará, na revisão dessas observações apreendidas apenas pela memória e na análise qualitativa sobre elas. Não houve nenhum tipo de entrevista. Apenas vivências e, naturalmente, as conversas



informais. Também tomo a minha ação artística performática enquanto parte dessa metodologia para esse trabalho e interesse dele no campo da educação em artes, pois foi através da leitura performática que eu pude observar o retorno de tudo o que compartilhei logo após a ação, dialogando com as pessoas, aprendendo novas percepções, e agora expandindo o conhecimento iniciado nas aldeias potiguaras ao dialogar entre os pares neste espaço aqui.

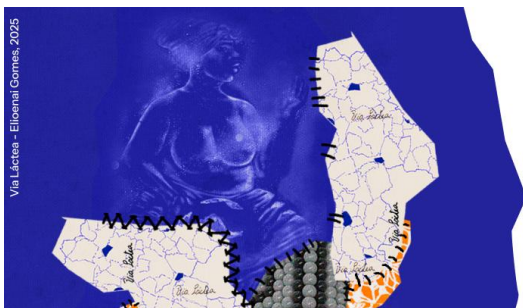
2 VIVÊNCIAS ENTRE POTIGUARAS E MEMÓRIAS MINHAS

2.1 A CARTA

Apresento aqui algumas memórias relacionadas às vivências com os povos Potiguaras em formato de carta e encaminhada a uma plateia acadêmica, lida de forma performática durante a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no campus sede da Universidade Federal de Campina Grande. A mesa a qual eu fiz a abertura com a leitura performática tinha o seguinte tema: “Memória institucional: entre arquivos, narrativas e identidades”. Dessa forma, intitulei minha ação artística como: “Uma carta não arquivada”. Segue a carta na íntegra, assinada com meu nome artístico:

“Uma carta não arquivada”

No dia 1 de julho eu me preparava para uma imersão em algumas aldeias Potiguaras na Paraíba. Ao pegar o relógio de pulso me perguntei: em que isso me será útil nessa vivência? Peguei caneta, caderno... e lembrei: eles resistiram sem nada disso, viveram através de uma memória viva, uma memória que se dá primeiramente pela prática. Então me senti um pouco ridícula ao observar a minha intenção de registrar tudo. Entendi que não era bem isso que eu queria. Eu não queria me transformar em mais uma pesquisadora estrita nessa primeira e importante oportunidade. O que eu queria mesmo era viver um desejo de longe, de um tempo que nem sei de quando, de uma dimensão que ultrapassa essa realidade que piso



aqui. Eu queria viver de forma mais prática uma conexão que sempre senti em relação ao nosso povo originário, ainda mais depois de descobrir uma ancestralidade um pouco mais próxima: a minha trisavó era indígena e, segundo parentes, “pega no laço”, e isso explica muito essa minha conexão, alguns dos meus comportamentos e algumas compreensões minhas atuais.

[A universidade tem ensinado isso? Tem ensinado que viver precisa vir antes de levantar a caneta, o celular ou o gravador?]

Tudo foi significativo. Estou tentando não me esquecer de nada. Impossível. Eu sei. Algo escapará. Sabemos que nossa memória é seletiva. E, ainda que não fosse seletiva, nossos diversos tipos de linguagens e ferramentas de registros não dariam conta exata de todas as percepções, emoções e transformações que meu corpo viveu em território do nosso povo originário. A psicanálise tem me ajudado, pois me coloca enquanto narradora de mim mesma. De modo que, tendo levado essa experiência dos caminhos do território potiguara, falando, repetindo falas, novamente e novamente, me percebendo, defendendo ideias e expondo emoções, exercito a memória e a partir de uma seleção tento refazer minhas jornadas (pessoal e profissional) com narrativas só minhas, mas que hoje, por exemplo, trago para cá no intuito de contaminar vocês não com a minha narrativa estritamente, mas que a partir da construção da minha, vocês tenham ousadia para construir as narrativas de vocês nesse espaço acadêmico. Vocês lutaram para estar nesse lugar de fala, então o que vocês enquanto sujeitos únicos no mundo têm narrado para essa universidade?

[A universidade tem estimulado isso? Tem estimulado um caminho de pesquisa que parta primeiro dos afetos e só depois tente qualquer tipo de análise?]

Chego na Aldeia Lagoa Grande. Dona Lena e sua irmã Maí nos recebem em sua casa. Sim, a única “oca” que existe está em um terreiro sagrado coletivo, em uma mini floresta que é uma reserva deixada pelo ainda resistente latifúndio da cana-de-açúcar. Na casa de dona Lena não existem grades, a varanda é toda aberta.



Podíamos ficar sentados até de madrugada, tudo era silêncio, e estrelas visíveis, e três cachorros atravessando o campo de futebol, com postura de vigilantes do seu território. Na aldeia tudo está conectado, até mesmo a maioria dos quintais: as árvores de urucum, as ervas, os pés de caju vão se prolongando igualmente os parentes lado a lado.

Um dia meu café da manhã foi uma espécie de cuscuz de mandioca com coco ralado. A mandioca precisou ficar de molho durante três dias. Imagino a vigília, o cuidado, a atenção sobre o alimento que será servido a alguém. Para acompanhar teve peixe albacora em postas fritas. Uma combinação perfeita: de cor, cheiro, textura e umidade na boca. Outro dia jantei macaxeira tirada do roçado do quintal, e com camarão, muito camarão. Uma riqueza comum naquele território.

Aliás, o nome Potiguara significa isso: comedor de camarão. E a pronúncia correta na língua Tupi é “potínguara”. Descobri isso ouvindo atentamente o professor Helson Potiguara cantando uma música que é comum no ritual do Toré. No início dos anos 2000, para nomear de forma original nosso trabalho na feira de ciências da escola, eu pesquisava na internet por “dicionário de tupi”. Hoje estou na fonte. Agora sou aluna de um curso livre de Tupi e cada vez mais redescubro o quanto o brasileiro fala mais tupi do que se imagina.

Em tempos de alguns estados que estão unidos para nos padronizar, estudar a língua-mãe do Brasil é meu ato político, porque não aprendo apenas uma língua, mas a origem de uma cultura que nos gerou e continua nos alimentando com palavras únicas em toda a face da terra. Cada palavra que aprendo, cada som de cada palavra que pronuncio, recobro na minha carne uma experiência de uma fala com força, objetividade e sentido.

[A universidade tem compreendido isso? Isso tudo que um corpo lançado a uma imersão é capaz de capturar mais do que uma caneta? Em quais epistemologias ainda estamos amarrados? Quais são nossas inseguranças enquanto fazedores de pesquisa científica acadêmica?]



A memória, para os indígenas, é um viver constante, é rotina, é prática, é ritual, é viva. Ela não possui estantes ou nuvens para armazenamento, esquecimento e resgate. Não se separa tempo para ficar analisando a memória. Porque ela é fluxo contínuo, dia e noite, noite e dia. É patrimônio vivido. Porque como lembra Célia Xakriabá, a memória não se faz só com a boca, mas com o corpo todo. Segundo Byung-Chul Han, “nossa memória é narrativa, enquanto o armazenamento digital é aditivo e cumulativo. A narração se baseia na seleção e vinculação de acontecimentos”.

[Como a gente têm vinculado nossas vidas em relação às nossas pesquisas acadêmicas? Como a universidade poderá expandir os afetos das pesquisas? Como se arquiva, de forma digna, o cheiro de uma tarde em um mangue na companhia de duas mulheres potiguaras cientes de sua riqueza bem aos seus pés?]

Honrarei cada imagem, cheiro, som, toque, gosto, olhares. Honrarei conceitos outros aprendidos na prática, como o de democracia, uma realidade ancestral. Um padre de batina e cocar, dona zita, uma anciã afro-indígena com práticas da umbanda, um pai nosso em tupi antes do toré, um culto evangélico noite a dentro na aldeia, a partilha do wi-fi, uma reunião que aguarda a decisão de todos de um grupo, o pajé Cí que aceita todo benefício ao seu povo, seja de político a, b ou c, as escolas com ar-condicionado e internet, os animais como parte importante dentro das escolas, as escolas acolhidas como contribuintes para o presente e o futuro das aldeias. O pensamento de oswald de andrade nunca fez tanto sentido: “só a antropofagia nos une”.

Disso não me esquecerei: nunca ouvi tanto o pronome “nós” como em terras potiguaras e nunca vi tanta gentileza ao ouvir do pajé Ci que o território não é apenas do seu povo de origem, a terra é de todos nós brasileiros. Se maltratamos a terra, não é apenas o seu povo que sofre, somos todos nós...eu, você, você, você, você, você...vocês...nós.

Samy Sah

Campina Grande, 1 de agosto de 2025.



2.2 A LEITURA PERFORMÁTICA

Figura 1 – Compilado de registros da ação performática “Uma carta não arquivada”.



Fonte: Thais Samara de Castro Bezerra.

Após uma semana de vivências entre os povos potiguaras, na cidade de Marcação, tendo visitado várias aldeias, realizando contato com coletivos culturais e com pessoas consideradas líderes ou representantes da cultura potiguar, além de ficar instalada numa casa de mulheres potiguaras e vivenciar a rotina das mesmas, voltei para casa com a sensação de ter vivido muito mais que uma semana apenas. Primeiro, eu estava encantada com tudo o que os meus olhos estavam apreendendo e aprendendo. E, segundo, eu estava entusiasmada por compartilhar tudo isso com mais pessoas e dialogar sobre outras formas que o processo de conhecer o mundo precisa urgentemente (re)começar a ter.

Escrever essas memórias me parecia uma forma inicial de ordenar um pouco o volume de informações, conhecimentos, percepções e imagens que ainda estavam fervilhando minha mente no retorno dessa experiência. No entanto, não queria escrever um compilado. E logo vi que era a linguagem artística que iria servir de ferramenta para criar uma narrativa que se aproximasse dos sentidos que eu estava dando a essas memórias, e um dos sentidos era como elas eram potentes para pensar as relações de ensino-aprendizagem em artes e, claro, nas demais áreas de conhecimento. A narrativa ganhou a forma de carta, que logo foi direcionada a um lugar: a universidade e nós que fazemos pesquisas através dessa instituição. Toda carta precisa ser lida. Decidi ser a porta-voz e dei vida à carta em uma leitura



performática para uma plateia acadêmica em um auditório da Universidade Federal de Campina Grande.

O objeto “carta” trouxe a estética de um pergaminho, lembrando essa forma em que coisas consideradas “importantes” eram escritas, guardadas, protegidas, lidas em voz alta, muitas vezes para comunicar algo a um público maior. Essa estética fazia alusão ao tema da mesa redonda, “Memória institucional: entre arquivos, narrativas e identidades”, provocando o questionamento sobre quais conhecimentos, comunicações, informações merecem serem guardadas, protegidas e, conseqüentemente, refletindo sobre até que ponto tudo isso que guardamos representa identidades e como possibilita a construção de narrativas. E acompanhando essas provocações, trago uma caracterização em minha aparência que reflete esse lugar da diversidade cultural do nosso país Brasil, que mostra um corpo claramente atravessado por influências originárias e contemporâneas, com uma pintura corporal que não é indígena, que são meus traços artísticos de tinta de terra, mas que também me vestem feito armadura para enfrentar um diálogo provocativo e que sim, também reflete um desejo ancestral de se apresentar a partir dessa identificação coletiva.

Estou com um boné na cabeça, um objeto-arte criado pelo artista visual Gleydson Virgulino, e nele tem estampada a palavra “Túpi”, um anagrama da palavra “Pitú”, um deslocamento semântico e imagético da marca de aguardente presente no imaginário urbano nordestino. Na etiqueta do objeto-arte, Gleydson recoda o pensamento de Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago (1928): “Só a antropofagia nos une”. E é isso que falta em nossas pesquisas acadêmicas: devorar melhor a diversidade de pensamentos e práticas científicas institucionalizadas e populares, originárias e contemporâneas, e então regurgitar um conhecimento mais autêntico, que seja reflexo de nossas identidades, essas que são feitas de experiências, que ganham narrativas através dos sentidos dados e que por isso são constantemente recordadas pela memória.

3 MEMÓRIA, ARTE E EDUCAÇÃO

3.1 O MANEJO ARTÍSTICO DAS MEMÓRIAS PARA PESQUISAS COM SENTIDO



Foi só através da linguagem artística que consegui selar os sentidos das experiências de conhecimentos vividas nos territórios potiguaras. Foi com meus olhos de artista que pude relacionar vivências e pensamentos sobre cultura, educação e arte, a partir de observações e participações em um cotidiano rico que continua a me transformar enquanto artista e enquanto pesquisadora em arte. John Dewey entende esse efeito como a “intenção de ampliar a própria vida” (2010, p.93), já que defende essa ligação ancestral da vida cotidiana com a arte. É necessário retomar um tipo de ligação com sentido como essa (vida e arte) nas nossas pesquisas acadêmicas, de modo que sejam extensões de nossas vidas vividas e não apenas observadas e analisadas à distância.

Nesse sentido de repensar o modo como a universidade orienta as construções das nossas pesquisas, defendo que as experiências vividas nesse processo precisam ser ordenadas como se estivessemos construindo narrativas educacionais. Assim como nossos objetos de estudos são importantes, os modos como os pesquisamos, comunicamos e divulgamos também importam muito. Manejar de forma criativa e significativa as diversas formas de conhecer algo é possível, porque como pensa Christine Greiner, é preciso pluralizar a noção de conhecimento, apartar a experiência de conhecer das noções de eficiência e produtividade, mas conhecer a partir da singularidade dos corpos e de seus modos de existência (2023, p.22).

De forma mais objetiva e extraíndo apenas um exemplo da minha carta, observo que foi preciso eu viver uma experiência com potiguaras, escutar narrativas, relacionar com a minha existência em outro meio social e cultural, para só então eu compreender melhor duas coisas: a palavra “nós” e a noção de “democracia”. Foi preciso eu desenvolver a minha narrativa, através da linguagem artística, considerando a poética e a estética do ato, para essas outras compreensões virem à tona na minha jornada enquanto ser humana, cidadã, artista, pesquisadora em arte e futura professora de artes.

A questão é: precisei narrar (artisticamente) um processo de conhecer para conhecer algo. Não precisei partir de pensadores canônes para redescobrir a força do pronome “nós” e a realidade ancestral da palavra “democracia”. Quando escrevo na carta “Se maltratamos a terra, não é apenas o seu povo [o povo do pajé Cí] que sofre,



somos todos nós...eu, você, você, você, você, você...vocês...nós” e em cada palavra “você” eu leio apontando sempre para alguém diferente da plateia, até chegar no gesto inclusivo da palavra “nós”, eu experiencio um poder: o de estimular a pensar e pertencer coletivamente. As narrativas do pajé Ci partem de uma experiência, as minhas de outras, e ambas se cruzam aqui. E, sim, outros pensadores podem atravessar meu processo de conhecer e contribuir com ele, mas não preciso engessá-lo desde a partida com eles.

Segundo Byung-Chul Han, inteligência não é espírito, e somente este é capaz de uma nova ordem das coisas, ou narração das coisas (2023, p.103). Byung-Chul observa o quanto a sociedade contemporânea (ou sociedade da informação) está perdendo a capacidade de criar e contemplar coisas, ideias, projetos, práticas, teorias que surjam de narrativas significativas. E isso só é possível mergulhando em experiências no mundo, e não armazenando informações deslocadas de um contexto que nos pareçam ter sentido. Nossas pesquisas acadêmicas precisam estar sustentadas, em primeiro lugar, em nossos sentidos, e não em outros já criados, estabelecidos, consolidados, estes podem se relacionar com os nossos, mas o nosso processo de conhecer algo deve ser evidenciado sempre.

Assim, entregar-se à experiência do ato de conhecer é essencial para aprender a conhecer de forma autêntica e significativa para nossa forma de existir, como disse Larrosa, “pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*” (2002, p.20) e a experiência, segundo ele, requer gestos de interrupção do tempo corrido que vivemos, parar para pensar, olhar, escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar, sentir, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, cultivar a arte do encontro, dar-se tempo e espaço. É preciso levar muito a sério tudo aquilo que nos acontece (em português é assim que soa a palavra experiência, segundo Larrosa), durante o ato de estar conhecendo algo, tal qual fazemos com qualquer outro método científico institucionalizado. Partir dessa forma é dar espaço para novas conexões: “Sem dúvida, níveis mais profundos da mente orientam o cientista ou o artista para experiências e pensamentos relevantes para os problemas que lhe interessam, e essa orientação parece operar muito antes de o cientista ter consciência dos seus objetivos”, nos afirma Gregory Bateson (2025, p.26), o que me faz pensar no quanto



devemos confiar nessas orientações anteriores à qualquer sistematização legitimada de determinado conhecimento. Nem sempre devemos guiar nossas pesquisas pelos objetivos ou hipóteses, ou ao menos não deveríamos ficar tão presos a eles, porque o que não devemos perder de vista mesmo é a observação para onde nossos olhos e espírito científico estão voltados, e a partir da compreensão traçar objetivos, hipóteses, estabelecer várias relações, fazer considerações, entre outros passos.

Quando leio a minha carta e quando recordo a sua leitura performática, vejo o quanto o conhecimento é composto por ligações estreitas entre suas ínfimas e infinitas partes, algo que a ciência tradicional tem dificuldade em adotar como orientação metodológica, pois o comum é até saber que o conhecimento é um todo, mas para conhecer corretamente é preciso separar, categorizar, classificar para só então analisar e ter a análise legitimada por uma instituição científica. Essa ainda deve ser a orientação de educação e cultura científica produzida pelas universidades?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir conhecimento científico acadêmico que faça sentido para a própria comunidade universitária e para a sociedade em geral tem sido um desafio da educação contemporânea, que é cada vez mais múltipla, diversa, acelerada e com infinitas possibilidades de conexões. O desafio não é de ordem técnica e informacional, é de caráter afetivo e criativo: onde o/a pesquisador(a) se encontra em sua pesquisa?

A linguagem artística, por sua natureza sensível no mundo, no sentido de perceber e sentir tudo, se esforçando para fazer as tantas relações entre suas apreensões, é um caminho possível para repensar os modos de conceber conhecimentos. Neste trabalho vê-se como o corpo e a mente de uma artista-pesquisadora consegue relacionar experiência, arte e pesquisa para, no mínimo, atualizar diversos tipos de conhecimentos, arejando conceitos antigos, provocando outros pensamentos e outros percursos metodológicos, chamando a atenção para um desejo latente: uma educação que faça sentido, uma academia que construa pesquisas com narrativas significativas.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. *Manifesto antropófago*. 1928. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf> Acesso em: 11 set. 2025.

BATESON, Gregory. *Rumo a uma ecologia da mente*. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. n.19, pp.20-28, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 20 ago. 2025.

CORREA XAKRIABÁ, Célia Nunes. *O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/xat00003.pdf>> Acesso em: 10 set. 2025.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

GREINER, Christine. *Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.